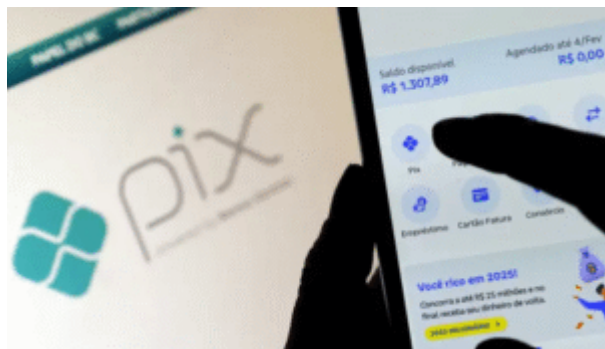


Doravante, só pago com pix



Por **JOSÉ RICARDO FIGUEIREDO***

Vê-se que o pix veio incomodar um negócio altamente lucrativo para o sistema financeiro norte-americano. A própria investida de Donald Trump contra ele demonstra a relevância de sua criação

1.

De repente, ressurge a questão nacional, e com ela a luta anti-imperialista. A iniciativa do Sr. Trump contra a produção brasileira exportada aos EUA mereceu repúdio geral, de empresários e trabalhadores, rurais e urbanos. Ao mesmo tempo, a traição bolsonarista ao seu patriotismo retórico ficou transparente, recolocando as bandeiras do patriotismo e do nacionalismo em mãos conseqüentes.

Não que a ação política e a exploração econômica imperialista inexistissem, apenas não afloravam tão nitidamente. Tiveram importância enorme na Lava-Jato, que foi absolutamente responsável pelo golpe de 2016, pela prisão de Lula e pela eleição de Jair Bolsonaro, e foi também responsável pela destruição das potentes empresas de engenharia pesada brasileira, que concorriam com as maiores empresas similares no mundo.

As revelações da Vaza-Jato e dos documentos da operação Spoofing viriam demonstrar a associação ilegal dos procuradores da Lava-Jato com serviços de inteligência estadunidenses. Mas antes disso havia indícios que mereceriam atenção, a começar pelo histórico de relações do ex-juiz Moro com iniciativas do Departamento de Justiça estadunidense, e pela revelação de espionagem estadunidense contra Dilma Rousseff.

Mais ainda, o jornalista Jânio de Freitas, então na *Folha de S. Paulo*, observou que, em contraste com o rigor com encarcerava empreiteiros brasileiros, nenhum empresário estrangeiro foi preso pelo Sr. Moro, apesar de haver denúncias de corrupção envolvendo as empresas Samsung, Mitsui e os estaleiros Jurong e Keppel Fels de Cingapura. Enquanto as empresas brasileiras eram proibidas de firmar contratos com governos até fecharem acordos de leniência, as empresas estrangeiras estavam liberadas. Entretanto, pouco se atentou para a atuação imperialista durante a luta de resistência contra o golpe de 2016 e contra a prisão de Lula.

A atuação do capital financeiro estadunidense em nossa economia é permanente. Grande parte da dívida pública brasileira, altamente remunerada pela Selic, é propriedade estrangeira. Quase a metade das ações da Petrobras, por exemplo, é propriedade estrangeira.

Sob Jair Bolsonaro, a Petrobrás remunerou por anos seguidos seus acionistas com mais de 90% dos lucros da empresa, e ainda tratava os recursos obtidos com a privatização de subsidiárias como se fossem lucros, para distribuí-los. Atualmente os acionistas ainda são remunerados com 50% dos lucros, quando o mínimo legal é 25%. Em síntese, a luta contra a ditadura do capital financeiro é, também, uma luta contra as “perdas internacionais”, como dizia o saudoso Leonel Brizola.

Mas não se costuma destacar este aspecto.

2.

Parece mesmo haver uma subestimação da importância da questão nacional. Há pouco, respondendo aos líderes bolsonaristas que se adornavam com o boné vermelho do movimento trumpista *Make America Great Again*, o PT adotou um boné azul com dizeres “O Brasil é dos brasileiros”.

Li críticas ao boné azul por “apelar para o nacionalismo”. Ora, mesmo quando parecia uma disputa meramente simbólica e ideológica, foi importante confrontar a mensagem vira-lata do boné dos bolsonaristas com o dever dos políticos brasileiros defenderem seu povo e seu país. E a atual investida trumpista contra nossa economia mostra que não se tratava de uma disputa meramente simbólica e ideológica.

Houve no passado um grande consenso entre os setores de esquerda sobre a questão nacional. Havia unidade em torno de medidas de proteção à economia brasileira, que eram atacadas pelos liberais, alcunhados como “entreguistas”. Os setores nacionalistas e de esquerda tinham clareza sobre a diferenciação entre o nacionalismo opressor, seja imperialista ou colonialista, e o nacionalismo libertador, anti-imperialista e anti-colonialista.

O antagonismo radical entre os objetivos de ambos leva a uma diferença radical de concepções ideológicas. O nacionalismo imperialista ou colonialista precisa afirmar sempre a superioridade do opressor, e por isto estimula a xenofobia e o racismo, enquanto o nacionalismo libertador busca romper uma situação de inferioridade, fundando-se no clamor pela igualdade.

O Brasil tem agora importantes questões práticas a resolver acerca da forma de enfrentar o tarifaço do Sr. Trump, quando está claro seu jogo duro nas negociações.

A reação de diferentes países ao tarifaço tem mostrado a importância de dispor-se de um cardápio de medidas retaliatórias eficazes. Assim, a China foi bem-sucedida ao tensionar as negociações interrompendo o fornecimento de minerais de terras raras, imprescindíveis à moderna tecnologia, além de outras medidas. Por outro lado, a predisposição para a negociação a qualquer custo levou Japão, Filipinas, a própria Europa e outros a firmarem acordos desvantajosos.

3.

Na discussão acerca das possíveis medidas retaliatórias contra o tarifaço de Donald Trump no Brasil, já foi observado que o aumento simétrico de tarifas por nossa parte aos produtos estadunidenses tende a provocar inflação e a frear investimentos dependentes de maquinário daquela origem. Seria mais adequada uma escolha criteriosa dos produtos a serem taxados.

Por conta disso, passou-se a falar em medidas distintas, complementares a um aumento seletivo de tarifas. Por exemplo, foi mencionada a quebra de patentes de medicamentos de empresas estadunidenses, possibilitando produção nacional de genéricos, medida que é anti-inflacionária e estimuladora do crescimento tecnológico brasileiro.

Pode-se temer o risco de que acusações de quebra de contratos venham prejudicar a atração de investimentos, mas está bem claro quem vem quebrando todos os contratos e práticas comerciais no Planeta.

O presidente Lula afirmou que o Brasil vai taxar as *big techs* de informática. Excelente proposta, com a qual ganham o erário e a economia brasileira. Além de justos impostos, cabe também regulamentar a distribuição dos recursos

arrecadados com propaganda entre aquelas empresas e os produtores de conteúdo brasileiros.

Outra questão envolve as empresas de cartão de crédito, que abocanham parcela relevante do faturamento de empresas brasileiras, cobrando taxas da ordem de 1,5% a 2% para compras a vista (débito) e de 3% a 4% para compras a crédito. Assim, uma percentagem do que se paga por cada produto, ainda que seja de fabricação inteiramente nacional, vai para fora do país, pelo simples uso dos cartões de débito e crédito.

Vê-se que o pix veio incomodar um negócio altamente lucrativo para o sistema financeiro norte-americano. A própria investida de Donald Trump contra ele demonstra a relevância de sua criação. Por alvejarem o pix, as empresas de cartões de crédito tornam-se um dos alvos mais adequados para a retaliação brasileira.

Eu costumava usar cartão de débito e crédito por comodidade, mas a lembrança da imagem do Sr. Trump me deu o impulso repentino de usar o pix, apesar de demandar maior número de operações no celular do que o manejo dos cartões. Neste momento tomei a decisão de que minhas compras não mais irrigarão o sistema financeiro gringo: doravante, só pago com pix, ou dinheiro em papel.

Assim, dei-me conta de que nossa retaliação não precisa esperar o resultado das negociações lideradas pelo vice-presidente Geraldo Alckmin, nem qualquer iniciativa governamental.

O pix já é valorizado por comerciantes e prestadores de serviço como meio de pagamento isento de taxas. Neste momento, merece ser valorizado pelo conjunto da população como afirmação da soberania nacional. É pertinente uma campanha de estímulo ao uso do pix, como forma de pressão contra o tarifaço, com a possibilidade de envolver ativamente milhões de brasileiros.

Convido o leitor a aderir, proponho que os movimentos sociais e partidos progressistas adiram, e peço a jornalistas, blogueiros e influenciadores que divulguem esta campanha: doravante, só se paga com pix!

***José Ricardo Figueiredo** é professor aposentado da Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp. Autor de Modos de ver a produção do Brasil (Autores Associados\EDUC). [<https://amzn.to/40FsVgH>]